

Bonitinha, mas ordinária¹

Leilane STAUFFER²

Maurício Guilherme SILVA³

Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), Belo Horizonte, MG

RESUMO

Apresenta-se a reportagem *Bonitinha, mas ordinária*, publicada na VIII edição do projeto de extensão *Jornal da Rua*. Inserida no contexto de reflexão sobre as ocupações feitas no espaço urbano, a partir das praças de Belo Horizonte, a reportagem imprime as visões e experiências de relações de cidadãos com a praça *Duque de Caxias*, localizada no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte. Buscando sustentação na experimentação e em disciplinas práticas e teóricas cursadas, a reportagem resgata a ideia do jornalismo como espaço de registro de boas histórias, a partir das técnicas narrativas características do Jornalismo Literário e do trabalho antropológico – a partir das práticas falar, ouvir e escrever.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Antropologia, Espaço urbano; Praças; Cidadania.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, email: leilanets@hotmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo, email: mgsj@uol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A reportagem *Bonitinha, mas ordinária* é fruto dos trabalhos desenvolvidos na VIII edição do projeto de extensão *Jornal da Rua* e relaciona-se a uma série de fatores. A primeira delas diz respeito à temática da edição e à proposta do projeto. Com o questionamento principal *A praça é nossa?*, destacado na capa do jornal, a edição buscou refletir sobre as ocupações do espaço urbano, a partir das praças de Belo Horizonte – e na reportagem aqui apresentada, sobre a praça *Duque de Caxias*. Coordenado pelo professor Maurício Guilherme Silva Júnior e pela professora idealizadora do projeto Maria Cristina Leite Peixoto, o *Jornal da Rua* surgiu em 2000, a partir do programa de iniciação científica *Jornalismo e Cidadania*. Nele, universitários e professores dos cursos de Comunicação Social de faculdades de Belo Horizonte criaram um veículo jornalístico, com o objetivo de incentivar a participação de sujeitos, normalmente considerados objetos e fontes de notícias, em autores e co-autores de textos, juntamente com estudantes de graduação.

Configurou-se, assim, a proposta do *Jornal da Rua*, aliando também a necessidade de compreender o processo de reflexividade, entendido pela sociologia como a capacidade que os homens têm de monitorar sua própria conduta, repensar e modificar suas criações. Processo este que também pode ser verificado nas relações existentes entre a imprensa e a sociedade.

Na VIII edição, a ideia de discutir a ocupação do espaço urbano apresentava-se explicitamente a partir da percepção dos movimentos de ocupação frequentes na cidade nos últimos anos. Eles estavam relacionados a manifestações culturais, políticas e sociais. Como exemplos, é possível citar as manifestações *Praia da Estação*, *Marcha contra a mídia machista*, os movimentos *Fora Lacerda*, *Pise na grama* e as mobilizações em favor das ocupações territoriais Dandara e Eliane Silva. Escolheu-se as praças como objeto de estudo por serem espaços que, diversas vezes, abrigavam tais manifestações e por apresentarem-se como interessante tema de estudo sobre os modos de vida da cidade e sua gente.

Ao procurar absorver as concepções e inovações propostas pelo projeto, sete estudantes, que cursavam diferentes períodos do curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH, participaram da edição e abraçaram a experiência de propor um caminho diferente daqueles já oferecidos pela imprensa tradicional. Foram eles: Dany

Starling, Fernanda Carvalho, Guilherme Pacelli, Hiago Soares (autor da reportagem aqui apresentada), Jessica Amaral, Leilane Stauffer (além de repórter, também monitora da edição) e Mariana de Souza. Assim, a reportagem *Bonitinha, mas ordinária* situa-se no espaço de estudo sobre as relações presentes no espaço urbano. Por conseguinte, apresenta-se como registro destas observações, oferecido ao leitor como impressões minuciosas e detalhistas, a partir de técnicas narrativas que evidenciam as impressões do *eu narrador*, a criatividade e a angulação diferenciada dos assuntos, convidando-o a imergir no texto.

2 OBJETIVO

Retratar a pluralidade e diversidade das relações sociais e fatos cotidianos, presentes na praça *Duque de Caxias*. Além disso, propõe-se observar as dinâmicas sociais e seus atores presentes na praça *Duque de Caxias*; investigar de que maneira as relações com o espaço considerado público acontecem; registrar impressões físicas e simbólicas do entorno da praça, a fim de compreender de que maneira elas são responsáveis pela construção de uma identidade e resgatar a ideia do jornalismo como espaço de registro de boas histórias, a partir das técnicas do Jornalismo Literário e do trabalho antropológico – calcado nos processos da fala, da escuta e do registro escrito.

3 JUSTIFICATIVA

Descrever o espaço urbano – representado, na oitava edição do *Jornal da Rua*, pelas praças de Belo Horizonte – sustenta-se, primeiramente, como estudo das relações existentes entre o jornalismo e a sociedade. A comunicação, a partir de seus relatos, apresenta-se como espaço simbólico de trocas de sentidos a partir da interação dos sujeitos. As diferenças e pluralidades constituem a coletividade e, por conseguinte, o jornalismo que a representa e nela se inclui.

Neste contexto, a reportagem *Bonitinha, mas ordinária* insere-se na tentativa de registrar observações das relações e rotinas presentes em um espaço público: a Praça Duque de Caxias. A forma de apresentar os fatos cotidianos, observados pelo repórter Hiago Soares, deu-se pelo gênero de reportagem Jornalismo Literário. Segundo Lima (2010), a classificação desta vertente ou especialização no jornalismo está relacionada a “um bom conjunto de ferramentas e procedimentos narrativos – técnicas de como contar as histórias –

, alguns deles originários do próprio jornalismo, outros procedentes da literatura de ficção” (LIMA, 2010, p. 19).

A necessidade de resgatar recursos que valorizem a subjetividade, apresentando uma abordagem diferenciada das já trazidas pela grande imprensa, cujos textos são permeados pela lógica objetiva e fugaz, justifica as marcas narrativas e o caráter autoral da reportagem. Tal liberdade de registrar acontecimentos e informações une-se à proposta do Jornal da Rua, como projeto de extensão universitária, de repensar as relações estabelecidas com o entrevistado e com o meio social. Demonstra também a necessidade de refletir sobre os formatos e conteúdos produzidos e apresentados pela imprensa tradicional.

Escrever sobre as dinâmicas sociais presentes no espaço urbano reflete também a preocupação em contextualizar assuntos de maneira abrangente que, conforme destacado por Pena (2006), configura-se também como premissa do Jornalismo Literário. Segundo o autor, o gênero é capaz de potencializar os recursos do jornalismo, como “ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos” (PENA, 2006, p. 13).

Chama-se atenção aqui para a escolha do tema, que, de acordo com o autor, deve estar vinculado à cidadania, a fim de “contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14). A partir de um registro detalhista e particular, *Bonitinha, mas ordinária* fundamenta-se como inscrição de impressões do meio urbano, na tentativa de contemplar e compreender a existência de um lugar comum compartilhado na sociedade a partir das relações dos sujeitos e do meio humano imprevisível.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A construção da reportagem *Bonitinha, mas ordinária* se edificou, primeiramente, a partir de leituras e debates sobre o tema do uso do espaço público nas praças de Belo Horizonte. Reuniões semanais eram realizadas entre os alunos e os professores coordenadores. Nelas, assuntos relacionados à antropologia urbana foram discutidos, a partir de obras do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani e da jornalista Eliane Brum. Os autores trabalham com as ideias sobre a observação participante e o olhar sobre o ser humano e

suas especificidades, suas relações com a cidade através de manifestações religiosas, artísticas e profanas, e a rua com seus detalhes.

Após a escolha do tema e a do título da edição – *A praça é nossa?* –, indicador de interesse e questionamento do uso do espaço público, o grupo dedicou-se às escolhas das praças que seriam retratadas no jornal. O critério de seleção consistia em sugerir ambientes que não fossem tão explorados na imprensa tradicional, e para os que já eram, seria necessário procurar novas abordagens, diferentes das já pautadas na mídia. Foram escolhidas as praças *Duque de Caxias* – ou pracinha de Santa Tereza, como é conhecida – *Floriano Peixoto*, *Doutor Celestino Marra* – ou pracinha do Santa Amélia, como é chamada pelos moradores da região – e a *Praça da Rodoviária*, no centro de Belo Horizonte.

Em seguida, pesquisas foram iniciadas pelos estudantes, para se inteirar sobre as histórias e os registros já existentes sobre as praças escolhidas. Arquivos disponíveis na internet, veículos de comunicação e espaços de pesquisa existentes na cidade – como Arquivo Público Mineiro e a Diretoria de Patrimônio Cultural de Belo Horizonte – foram consultados. Procurou-se dados sobre tombamentos, reformas e informações sobre os nomes das praças, suas referências e histórias.

Após dois meses dedicados a discussões e pesquisas, as visitas nas praças começaram a ser feitas. A primeira delas foi realizada com a presença da professora Maria Cristina na praça *Duque de Caxias*. A experiência inicial serviria de base para as futuras e possíveis observações que deveriam ser feitas por cada um dos repórteres com suas respectivas praças. Chamou-se atenção para aspectos como localização, estrutura, eventos, organização, limpeza, nome oficial e os nomes dados pelos moradores, vizinhança e equipamentos coletivos que compõem o local, tipos de ocupação e de pessoas. Com essas observações, a proposta era desenvolver descrições físicas e simbólicas que fossem fiéis e representassem o espaço.

Relatos orais, durante os encontros semanais com o grupo, também fizeram parte dos métodos utilizados na construção da reportagem. Ali, partilhava-se o andamento da reportagem, os caminhos percorridos e as experiências vivenciadas. A partir desses métodos, a reportagem *Bonitinha, mas ordinária* se orientou e se edificou a partir da proposta de experimentação no campo jornalístico. Durante o trajeto de seis meses, primou-

se pela liberdade de escrita, a fim de buscar um texto fluido capaz de transmitir as experiências e impressões do estudante, enquanto observador, repórter e narrador.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A reportagem *Bonitinha, mas ordinária*, escrita pelo aluno Hiago Soares, à época cursando o 2º período de Jornalismo, foi construída a partir da liberdade narrativa, contempladas a partir das contribuições do Jornalismo Literário e pela linha editorial do Jornal da Rua. O contato do repórter com a praça *Duque de Caxias* deu-se por visitas realizadas durante um mês, com a frequência de duas vezes por semana, em diferentes horários. Com isso, a proposta era observar o movimento e as relações que a praça proporcionava aos moradores, frequentadores e transeuntes durante dias da semana, finais de semana, feriados. Famosa por estar localizada em uma região boêmia e culturalmente ativa da cidade, sendo palco de atrações culturais, como shows e espetáculos teatrais, a praça *Duque de Caxias* também é conhecida por seus contornos de “cidade do interior” e por seu caráter eclético, uma vez que abriga Igreja, escola militar e bares, atraindo fiéis, estudantes, artistas, ativistas culturais e boêmios da cidade.

Após as pesquisas sobre o contexto histórico da praça, o repórter conversou com moradores, visitantes, comerciantes, ambulantes presentes no espaço, a fim de levantar as percepções que essas pessoas tinham sobre o local, no que dizia respeito a assuntos como violência, lazer, limpeza e ao que a *Duque de Caxias* atraía ou não ao bairro. Com a apuração estruturada para as técnicas narrativas que seriam exploradas a partir das influências do Jornalismo Literário, o repórter entrou em casas, bares, *ateliês*, igrejas, e, além de retratar o cotidiano do espaço, contou como era a vida de quem morava ou trabalhava nele. Prova disso foi a percepção de que os personagens se confundiam com a história da praça, já que ela foi motivo, por exemplo, de um cidadão ter escolhido mudar-se para o bairro e inaugurar, em frente à *Duque de Caxias*, um *ateliê*. Ele enxergava a praça como símbolo de arte e cultura, que abrigava eventos de música e teatro, tinha um clima bucólico e, ao mesmo tempo, frenético que aguça criatividade e emoções.

Bonitinha, mas ordinária ergueu-se, portanto, a partir de histórias de personagens e seus ambientes do dia a dia. Dividida em três partes, considerando os critérios que envolviam o espaço do jornal, os personagens selecionados e os materiais colhidos, a reportagem se dividiu em três subtítulos e representações das histórias que foram encontradas na praça:

Grades e nicotina, que retrata o vício do cigarro pela personagem Waldice e a doença que a impede de andar até a praça que está em frente à sua casa; *Never Let me Down*, que mostra as impressões do comerciante José Roberto, dono de um bar ao redor da praça e fã dos *Beatles*; e *Amor e Liberdade*, que faz referência à inscrição costurada numa bandeira do Brasil pregada à parede de um *ateliê* de arte em frente à praça, chamado Alcova Libertina.

O repórter optou por dividir o texto em três partes na tentativa de uma proposta semiótica de primeiridade, relacionada às sensações, fazendo jus ao que observou no local: um ritmo agitado que se quebra constantemente com longas pausas de tranquilidade. É o que se evidencia quando o autor pede, logo após o título da matéria, que o leitor faça um intervalo entre uma parte e outra. Destaca-se também a quebra de ritmo evidenciada no último bloco, quando o repórter lança mão da primeira pessoa para escrever o texto.

O título *Bonitinha, mas ordinária* faz referência à conhecida peça escrita por Nelson Rodrigues. A ideia do título resgata também o universo teatral presente na praça, e pelo caráter dúbio observado: sagrado e profano, bonita e feia, suja e limpa, violenta e não-violenta, urbana e não-urbana, simples e sofisticada, velha e jovem.

Após as etapas de edição e diagramação realizadas pelos alunos e supervisionadas pelos professores orientadores e pela monitora, o lançamento da edição foi promovido entre a comunidade acadêmica. O jornal, com a tiragem de 2 mil exemplares, foi impresso e distribuído entre instituições de ensino de Belo Horizonte, nas ruas e praças retratadas, participantes de movimentos sociais e órgãos públicos.

6 CONSIDERAÇÕES

O *Jornal da Rua* foi concebido como um jornal aberto a pessoas normalmente excluídas das mídias tradicionais, para que pudessem falar e escrever sobre suas experiências e visões de mundo. Como a temática geral do jornal é a cidade, outros interessados também tiveram espaço, tais como professores, escritores, arquitetos, dentre outros. Isso fez com que o *Jornal da Rua* ficasse caracterizado pela pluralidade de textos, autores e perspectivas.

Além da pluralidade, outro aspecto que faz parte da proposta do projeto de extensão e que esteve presente na VIII edição diz respeito ao estímulo dado aos estudantes para o estabelecimento de uma nova relação com a fonte, tratando-a como sujeito e não objeto de

informações. Investiu-se tempo com a convivência com aqueles que participaram do jornal, sem a pressa de uma edição diária. Isso proporciona um grande aprendizado com aqueles que normalmente não estão na mídia tradicional ou só aparecem na condição de “objetos” da notícia. A reportagem *Bonitinha, mas Ordinária* promoveu as possibilidades da prática da escrita além das regras jornalísticas tradicionais, tendo como referência o Jornalismo Literário, e garantiu a vivência da universidade como espaço de experimentação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, Peter L.; LUCKMAN, Thommas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **O olho da rua**. São Paulo: Globo Editora, 2008.

DOMINGUES, J. Maurício. **Sociologia e modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo literário para iniciantes**. São Paulo: Edição do autor, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lilian de Lucca (org). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: EdUSP, 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.